

INFRAESTRUTURA ESCOLAR E DESIGUALDADE SOCIOECONÔMICA: O RETRATO DAS ESCOLAS PAULISTAS

SCHOOL INFRASTRUCTURE AND SOCIOECONOMIC INEQUALITY: THE PORTRAIT OF SÃO PAULO'S SCHOOLS

Patrick Vieira Ferreira¹
Vera Maria Nigro de Souza Placco²
Luciane Helena Mendes Miranda³
Dilma Antunes Silva⁴

RESUMO: O artigo aborda as profundas desigualdades socioeconômicas que afetam as escolas paulistas, enfatizando como essas disparidades impactam diretamente a infraestrutura, o acesso a recursos educacionais e o desempenho acadêmico dos alunos. A pesquisa revela que as escolas localizadas em regiões periféricas enfrentam desafios significativos, como instalações precárias, escassez de materiais didáticos, e dificuldades em atrair e manter professores qualificados. Tais condições contribuem para a perpetuação da desigualdade educacional e social. O impacto da pandemia de COVID-19 é enfatizado, mostrando como a transição para o ensino remoto ampliou as desigualdades, já que muitos alunos de famílias pobres não tinham acesso à tecnologia necessária. Para a produção dos dados, foram realizados grupos de discussão com profissionais da educação da Rede Estadual de São Paulo, e os dados foram analisados e categorizados com o auxílio do software NVivo, utilizando a Análise de Prosa como metodologia qualitativa para análise, que se foca em aspectos subjetivos e é organizada em tópicos e temas. Os principais resultados indicam que o período pandêmico intensificou as desigualdades já existentes no sistema educacional brasileiro, especialmente nas escolas periféricas. A má distribuição de recursos materiais e tecnológicos, aliada à falta de suporte adequado aos professores, foi identificada como um dos maiores desafios para a qualidade da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdades socioeconômicas; Vulnerabilidades; Infraestrutura; Escolas paulistas.

¹ Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e docente no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9556-2898> E-mail: <patrick.ferreira@unaspedu.br>.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9515-2370> E-mail: <placco7@gmail.com>.

³ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e docente na Universidade Paulista (UNIP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4422-8301> E-mail: <lucianemmiranda@gmail.com>.

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1475-3532> E-mail: <dilmaantunessilvadilma@gmail.com>.

ABSTRACT: The research addresses the profound socioeconomic inequalities affecting schools in São Paulo, emphasizing how these disparities directly impact infrastructure, access to educational resources, and students' academic performance. The research reveals that schools located in peripheral regions face significant challenges, such as poor facilities, a shortage of educational materials, and difficulties in attracting and retaining qualified teachers. Such conditions contribute to the perpetuation of educational and social inequality. The impact of the COVID-19 pandemic is highlighted, showing how the transition to remote learning exacerbated inequalities, as many students from low-income families did not have access to the necessary technology. To collect the data, discussion groups were conducted with education professionals from the São Paulo State Education Network, and the data were analyzed and categorized using NVivo software, employing Prose Analysis as the qualitative methodology, which focuses on subjective aspects and is organized into topics and themes. The main findings indicate that the pandemic period intensified the pre-existing inequalities in the Brazilian educational system, especially in peripheral schools. The poor distribution of material and technological resources, combined with the lack of adequate support for teachers, was identified as one of the greatest challenges to the quality of education.

KEYWORDS: Socioeconomic inequalities; Vulnerabilities; Infrastructure; São Paulo schools.



10.23925/2176-4174.v3.2024e68812

Recebido em: 23/10/2024.

Aprovado em: 01/11/2024.

Publicado em: 02/11/2024.

Introdução

As desigualdades socioeconômicas em escolas localizadas em regiões periféricas representam um dos grandes desafios para a educação e o desenvolvimento social. Essas disparidades não apenas refletem as desigualdades socioespaciais, mas as reforçam, separando fisicamente os grupos sociais e gerando estruturas de oportunidades educacionais distintas. Estudos revelam que, em áreas periféricas e de menor renda, onde as matrículas são predominantemente em escolas públicas, os recursos e as oportunidades de aprendizagem são mais escassos em comparação com as regiões centrais e ricas, onde predominam escolas privadas de melhor qualidade. Isso resulta em trajetórias educacionais desiguais e perpetua a

exclusão social. Portanto, entender e combater essas desigualdades é fundamental para construir um sistema educacional mais equitativo que possibilite a todos, independentemente de sua origem geográfica ou socioeconômica, o acesso a uma educação de qualidade e as mesmas chances de sucesso.

A estrutura física das escolas em regiões periféricas frequentemente reflete as limitações de recursos e a falta de investimentos adequados. Essas escolas, muitas vezes, operam em condições precárias, com instalações deterioradas e insuficientes para atender às necessidades básicas dos alunos e professores. As salas de aula costumam ser superlotadas, dificultando o processo de ensino e a atenção individualizada. Além disso, a infraestrutura muitas vezes carece de espaços essenciais, como bibliotecas, laboratórios de ciências e tecnologia, áreas de recreação e quadras esportivas adequadas.

Essas deficiências estruturais não apenas impactam negativamente o aprendizado, mas também afetam o bem-estar e a motivação de alunos e educadores. Em contrapartida, escolas localizadas em áreas mais ricas tendem a dispor de ambientes modernos e bem equipados, o que amplia as oportunidades educacionais e contribui para a manutenção de um ciclo de desigualdade. A falta de investimentos direcionados para melhorar as estruturas físicas nas regiões mais pobres sublinha a necessidade de políticas públicas que busquem reverter essa realidade, garantindo que todos os estudantes possam usufruir de um ambiente propício ao aprendizado e ao desenvolvimento

Por essas razões a paisagem urbana brasileira é caracterizada por uma profunda desigualdade de renda e reflete-se nas escolas e em seu entorno. De acordo com dados informados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Coeficiente de Gini, baseado na pesquisa domiciliar “PNAD” de 2019, é de 0,543, em 2012, esse mesmo índice era de 0,540. Chegamos a 0,523 em 2015, mas a recessão entre 2015 e 2016 e a recuperação seguinte mais forte para a camada mais rica da população pioraram a distribuição de renda no Brasil. Neste país, os 10% das pessoas mais ricas recebem 50% da renda total, enquanto os 50% mais pobres recebem menos de 10% da renda total. Embora as estimativas variem, cerca de 30% da população brasileira vive abaixo da linha da pobreza (SILVA, 2023). Essa distribuição desigual de recursos financeiros impacta diretamente a educação, refletindo-se na

disparidade de infraestrutura escolar, na qualidade do ensino oferecido e nas oportunidades de aprendizado disponíveis para diferentes grupos socioeconômicos.

Um estudo conduzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2011; 2020) revelou que crianças e adolescentes de famílias mais pobres têm menor acesso a recursos educacionais em comparação com seus colegas de famílias mais abastadas. Essa falta de acesso prejudica seu desempenho acadêmico e suas perspectivas futuras. Além disso, as desigualdades socioeconômicas se manifestam dentro das próprias escolas, influenciando a segregação educacional e as disparidades de oportunidades. Segundo Penteado (2013, p. 430), “há uma escola de boa qualidade para poucos, a elite intelectual e uma outra, precária para a maior parte da população”. Pesquisas indicam que em áreas urbanas de baixa renda, as escolas frequentemente enfrentam desafios adicionais, como altas taxas de evasão escolar, infraestrutura precária e falta de recursos humanos qualificados (GALVÃO et al, 2022). A digitalização da educação, acelerada pela pandemia de COVID-19, trouxe à tona disparidades no acesso à tecnologia e à Internet, aprofundando ainda mais as desigualdades socioeconômicas.

No contexto urbano, a educação torna-se um mecanismo crucial para mitigar as desigualdades e promover a inclusão social. No entanto, políticas educacionais voltadas para a redução das disparidades nem sempre são eficazes devido às complexas interações entre fatores sociais, econômicos e políticos. Durante o período pandêmico, as vulnerabilidades foram acentuadas, e a escola, como instituição central na vida das crianças e jovens, revelou-se como um espelho das desigualdades sociais presentes na paisagem urbana.

Portanto, ao discutir as paisagens urbanas, é essencial considerar como as desigualdades socioeconômicas se entrelaçam com o ambiente educacional, moldando as experiências e oportunidades de alunos e alunas. A educação, enquanto espaço de reprodução e potencial transformação social, deve ser analisada criticamente para que possamos entender e enfrentar as complexas dinâmicas de desigualdade presentes nas cidades brasileiras.

Visão panorâmica da desigualdade socioeconômica na educação

O conceito de desigualdade socioeconômicas possui um caráter “multidimensional” (POCHMANN e SILVA, 2020), entretanto refere-se às disparidades de acesso a recursos materiais, financeiros e sociais entre diferentes grupos da sociedade. Essas disparidades podem ser observadas em diversas áreas da vida, incluindo a educação. Características comuns das desigualdades socioeconômicas incluem diferenças de renda e riqueza, acesso desigual a serviços básicos, como saúde, nutricionais e oportunidades limitadas devido a condições socioeconômicas desfavoráveis que também envolvem questões de gênero. Essas diferenças influenciam as condições de vida e estilos de vida e implicam maior exposição a riscos ambientais (ABRAMOVAY, 2002; SALINAS-RODRÍGUEZ, 2024).

As desigualdades socioeconômicas exercem um impacto significativo na qualidade da educação e no desempenho acadêmico dos alunos. Estudantes de famílias com menor poder aquisitivo geralmente enfrentam obstáculos adicionais em sua jornada educacional (SOARES, ALVES e XAVIER, 2016). Dentre os efeitos evidentes das desigualdades socioeconômicas nas escolas brasileiras, destacam-se:

1. Desigualdade na infraestrutura escolar. Muitas escolas brasileiras enfrentam desafios relacionados à infraestrutura precária, como salas de aula superlotadas, falta de laboratórios, bibliotecas inadequadas, gestão escolar ineficiente e recursos financeiros escassos. Essa disparidade de recursos pode produzir uma experiência empobrecida, formações fragmentadas e instrumental, afetando diretamente a qualidade do ensino e o ambiente de aprendizado dos alunos (CARNAVAL, 2021).

2. Desigualdade no acesso a recursos educacionais. Estudantes de famílias de baixa renda têm menos acesso a recursos educacionais essenciais, como livros didáticos, material escolar, transporte, uniforme e tecnologia, o que prejudica sua capacidade de aprendizado, criando uma lacuna entre alunos de diferentes origens socioeconômicas (DANTAS, 2024).

3. Desigualdade na formação de professores. Isso é um problema evidente nas escolas localizadas em áreas mais pobres. Essas instituições muitas vezes enfrentam dificuldades em atrair e manter professores qualificados. Ao mesmo tempo, os educadores mais experientes e bem formados tendem a migrar para escolas em territórios menos vulneráveis. Isso gera um desequilíbrio no sistema educacional. Soma-se a isso, a formação inicial e continuada dos professores que nem sempre

contribui para o aprimoramento curricular e inovações pedagógicas. Sabemos que muitas das escolas de periferia estão superlotadas – operando, por exemplo, em regime de quatro turnos e com um número de alunos por classe muito acima da média – e têm professores estressados e desestimulados, com elevados níveis de falta ao trabalho, licenças médicas e pedidos de transferência. A falta de políticas públicas consistentes de valorização profissional e remuneração adequada também desempenha um papel crucial nesse cenário. Esses fatores combinados resultam em uma qualidade de ensino inferior e menos oportunidades de aprendizado para os alunos dessas escolas (RIBEIRO e VÓVIO, 2017; GUSMÃO e AMORIM, 2022; TORRES et al, 2008).

Em meio a esse contexto, as desigualdades socioeconômicas revelam-se de maneira crua nas escolas brasileiras, refletindo-se em problemas estruturais. Essas questões são acentuadas quando se leva em consideração o ambiente e as situações de vulnerabilidade que os indivíduos e instituições experimentam. Essas duas realidades (desigualdade socioeconômica e vulnerabilidade) estão interconectadas de várias maneiras. Primeiramente, as desigualdades socioeconômicas são um dos principais fatores que contribuem para a vulnerabilidade social, uma vez que indivíduos e grupos em situação de maior precariedade econômica têm menos recursos e oportunidades para lidar com os desafios e adversidades da vida cotidiana.

Além disso, a vulnerabilidade social pode reforçar e perpetuar as desigualdades socioeconômicas, criando um ciclo vicioso de marginalização e privação. Indivíduos em situação de vulnerabilidade social têm menos acesso a recursos e oportunidades que lhes permitam melhorar suas condições de vida e romper o ciclo da pobreza. Entretanto, vulnerabilidade não se restringe a questões socioeconômicas.

A vulnerabilidade não é o mesmo que pobreza, mas a inclui. Ser pobre, segundo Katzman (2005), é quando não se satisfazem as necessidades básicas e aqueles também que se encontram abaixo da linha de pobreza. O autor faz distinção:

Vulnerabilidade não é exatamente o mesmo que pobreza, embora a inclua. Esta última se refere a uma situação de carência efetiva e atual, enquanto a vulnerabilidade transcende essa condição, projetando para o futuro a possibilidade de sofrimento a partir de certas fraquezas, que são evidentes no presente (KATZMAN, 2005, p. 04).

E, amplia o conceito, dizendo que:

Em seu sentido amplo, a categoria de vulnerabilidade reflete duas condições: a dos "vulnerados", que se assemelha à condição de pobreza, ou seja, que já sofrem de uma carência efetiva que implica na impossibilidade atual de sustento e desenvolvimento, e uma debilidade futura a partir dessa incapacidade; e a dos "vulneráveis", para quem a deterioração de suas condições de vida não está materializado ainda, mas aparece como uma situação de alta probabilidade em um futuro próximo a partir das condições de fragilidade que os afetam (KATZAM, 2005, p. 04).

Em outras palavras, a vulnerabilidade não se limita apenas à escassez de recursos materiais, mas também é definida pela falta de ativos que possibilitem aos indivíduos manterem-se ou progredirem socialmente. Isso inclui o conceito de Adorno (2001, p. 11) que destaca o direito de todas as pessoas de melhorarem suas condições de vida para reduzir sua vulnerabilidade e promover a igualdade para todos. Abramovay (2002) acrescenta que a vulnerabilidade social vai além da simples condição de pobreza, envolvendo não apenas a falta ou incapacidade de uso de recursos materiais, mas também de recursos imateriais ou "simbólicos" (COCCO; LOPES, 2010), que capacitam o indivíduo ou grupo social a lidar com a situação de pobreza. Além disso, Raoport e Da Silva (2013) identificam características da vulnerabilidade que afetam o desenvolvimento psicomotor, a higiene, a concentração e o bem-estar psicológico, incluindo sintomas como depressão, agressividade e medo causado por abuso físico, elementos que também têm impacto no ambiente escolar.

Segundo a definição de Kaztman (1999, p.18), ativos são

todos os recursos que um lugar possui, tangíveis ou intangíveis, cuja mobilização permite o aproveitamento das estruturas de oportunidades existentes em um momento, seja para elevar o nível de bem-estar ou para mantê-lo diante de situações que o ameacem.

Desse modo, o grau de vulnerabilidade depende de fatores relacionados aos riscos de origem natural e social, bem como dos recursos e estratégias disponíveis para que indivíduos, famílias e comunidades enfrentem esses riscos. Isso, por sua vez, torna necessário determinar a possibilidade de acesso a bens básicos, como saúde, recreação, trabalho, renda e, particularmente, educação e cultura.

Há uma tendência à correlação entre as diferentes variáveis de vulnerabilidade, porque a partir de uma situação inicial, como a que se dá na educação, podem surgir condições de risco no trabalho, na saúde, na economia etc.,

o que levará a um aumento do nível de vulnerabilidade do indivíduo, da família ou do grupo social.

A abordagem da vulnerabilidade, ao fazer referência ao conjunto de ativos possuídos e às oportunidades oferecidas pelo ambiente, permite determinar níveis de vulnerabilidade para diferentes pessoas, famílias ou grupos sociais, sendo fundamental para a implementação de políticas públicas que fortaleçam a capacidade de resposta desses grupos às mudanças do ambiente e melhorem este último para alcançar uma maior integração social e reduzir substancialmente os fatores de risco que tornam as pessoas vulneráveis, contribuindo para uma maior justiça social (MORENO, 2015).

De acordo com Kaztman (2028), a escola não é apenas um reflexo das desigualdades socioeconômicas existentes na sociedade, mas também um mecanismo intergeracional que as perpetua ao não fornecer oportunidades equitativas para todos os alunos. Isso ocorre porque as instituições de ensino muitas vezes não conseguem oferecer recursos adequados para compensar as desigualdades socioeconômicas dos alunos, como acesso a material didático, infraestrutura escolar adequada e apoio educacional individualizado.

Durante o período pandêmico, essa dinâmica se intensificou ainda mais, pois a transição para o ensino remoto exacerbou as disparidades existentes. Alunos de famílias mais ricas geralmente tinham acesso a recursos tecnológicos e condições de aprendizado mais favoráveis em casa, enquanto os alunos de famílias mais pobres enfrentavam dificuldades para acessar a educação online devido à falta de dispositivos eletrônicos e conexão à internet. Isso ampliou a lacuna educacional entre os alunos de diferentes origens socioeconômicas, tornando evidente o papel da escola na promoção da desigualdade socioeconômica.

Metodologia

O método utilizado para produção dos dados foi a realização de grupos de discussão com professores, coordenadores, diretores e vice-diretores, professores coordenadores de Núcleo Pedagógico (PCNP), professores coordenadores pedagógicos (PCP), supervisores e dirigentes de ensino, e teve como ênfase a interação do grupo e as situações implementadas pelo ensino remoto emergencial.

Esta etapa da pesquisa ocorreu no ano de 2021, em formato virtual pela plataforma Zoom e alcançou cerca de quarenta profissionais da Rede Estadual de Ensino de São Paulo. Todas as entrevistas foram gravadas. Posteriormente foram transcritas e foi realizada a categorização com o auxílio do software NVivo (GUIZZO, KRZIMINSKI e OLIVERIA, 2010). Os nomes citados nas falas são fictícios para garantir o anonimato dos participantes.

Como metodologia de análise nos baseamos na Análise de Prosa, de André (1983), que consiste em uma forma de investigação qualitativa, que se atenta para aspectos subjetivos e se estrutura em tópicos e temas, que são gerados a partir do exame dos dados e contextualização no estudo. Desse processo resultou um conjunto de tópicos e temas, que veremos a seguir:

Resultados

As falas apresentadas refletem uma variedade de perspectivas sobre a tentativa de superar os desafios enfrentados pelos alunos e professores durante a pandemia, principalmente quanto a infraestrutura das escolas. Enquanto algumas falas destacam as oportunidades de aprendizado e adaptação, outras enfatizam a necessidade urgente de abordar as disparidades socioeconômicas na educação e investir em infraestrutura escolar e suporte aos professores. Essas diferentes perspectivas destacam a complexidade da situação e a importância de considerar as necessidades e realidades específicas de cada comunidade escolar ao desenvolver políticas e estratégias educacionais.

Adaptabilidade e superação frente a falta de infraestrutura das escolas

Ao reconhecer que alguns indivíduos possam não ter sido capazes de se adaptar totalmente ao novo cenário de ensino remoto, devemos considerar que uma grande parcela de profissionais precisou desenvolver habilidades de trabalho em circunstâncias desafiadoras. A necessidade dos professores se virarem para transmitir suas aulas de forma remota, muitas vezes os levam a adquirir novos equipamentos tecnológicos para isso. E, apesar das dificuldades, essa transição pode trazer oportunidades de aprendizado e crescimento tanto para os professores quanto para

os alunos, promovendo a integração de novas ferramentas tecnológicas e métodos de ensino em seu cotidiano. Na fala a seguir, uma visão positiva sugere que, apesar dos obstáculos, a adaptação ao ensino remoto o processo pode ter sido enriquecedor para a comunidade educacional.

Mas eu também acredito, não é? [...] colocando aqui, que assim, talvez eu até concorde com você, têm alguns que não tenham conseguido, mas eu acho que **a maioria precisou aprender de uma forma, não é? A trabalhar, entendeu? Porque não teve jeito, ele teve que fazer a transmissão da aula dele remota, não é? Então ele precisou se virar de algum jeito.** Eu concordo que tiveram as condições de trabalho, realmente professor **teve que adquirir novos equipamentos, comprar computadores, notebook, celulares, não é?** Para poder fazer [sua utilização]. Mas através das ferramentas, de uma forma ou de outra, eu acho que **até aquele que nunca, não é? Usou uma câmera, precisou aprender,** não é eu acho que isso daí é bacana porque veio para contribuir, não é? E de uma forma já agregou no dia a dia desse professor, do estudante (Renato).

A participante admite que a pandemia apresentou dificuldades, porém ressalta a habilidade dos professores e alunos em se ajustarem às limitações de infraestrutura. Ela enfatiza a necessidade de aprender novas habilidades tecnológicas e acredita que, no geral, a situação impulsionou o desenvolvimento tanto dos professores quanto dos estudantes. No entanto, sua análise parece focar mais nas oportunidades de aprendizado do que nas dificuldades enfrentadas, o que pode minimizar a gravidade dos problemas estruturais.

Para Argolo Junior *et al* (2021), a pandemia impôs a necessidade de desenvolvimento de competências tecnológicas de forma abrupta, muitas vezes sem o devido suporte financeiro ou treinamento adequado para os docentes. Essa adaptação envolveu não apenas a compra de novos equipamentos, mas também a familiarização com plataformas digitais e metodologias que, até então, não faziam parte do cotidiano de muitos professores. A fala de Renato, ao reconhecer tanto os esforços quanto as limitações enfrentadas, alinha-se com o desafio de lidar com a escassez de recursos tecnológicos e a necessidade de investimento em treinamentos mencionada no texto.

A má distribuição de recursos para as escolas localizadas nas regiões periféricas de grandes cidades é um tema de muita relevância e impacto para o sistema educacional. Ao longo dos anos, tem-se observado uma disparidade significativa na alocação de recursos entre as escolas situadas em áreas centrais e aquelas localizadas em regiões periféricas. Essa desigualdade resulta em condições

precárias de infraestrutura, falta de equipamentos adequados, escassez de materiais didáticos e uma série de outros desafios que comprometem a qualidade da educação oferecida a milhares de estudantes. É fundamental analisar os impactos dessa má distribuição de recursos e buscar soluções que promovam uma distribuição mais equitativa, garantindo a todos os alunos o acesso a uma educação de qualidade, independentemente de sua localização geográfica. Este tema foi amplamente abordado na fala a seguir:

Eu acho que esse problema da renda dos alunos influencia e eu digo assim [...] o PEI que eu estou agora é um pouco diferente dos chamados tradicionais porque ele fica numa reunião da periferia. Ele é na periferia. Foi implantado esse ano, ele é na periferia e mesmo assim, poucos alunos ali têm a dificuldade do acesso. Mesmo sendo a periferia, os alunos têm um bom acesso. Eles dividem o celular entre eles, os irmãos dividem. Cada dia um irmão faz a lição e no dia que o outro está... Sempre um dia que um vem para o rodízio, um vem no rodízio, o outro usa o celular. Aí eles fazem isso. E a dificuldade que eu acho é que assim, **o que falta mesmo para as escolas é mais a infraestrutura também para ajudar esses alunos. A infraestrutura para ajudar os alunos porque, às vezes, é muita coisa para cabecinha dele**, principalmente para a molecada que vem do 6º ano porque como diz eles estão acostumados com a antiga tia, de fazer isso, fazer aquilo. [...] Inclusive, muitos estão indo mais pela dificuldade de aprendizagem do que por falta de recursos. Porque muitos que estão indo pela falta de aprendizagem eu vejo que ele tem ali o recurso e ele está na sala conversando no WhatsApp ou está na sala jogando e poderia nos outros quatro dias ou três que ele está em casa, ele poderia estar acompanhando as nossas aulas pelo CMSP, mas não. Ele está só fazendo ali no presencial e dizendo que ele não tem o CMSP. Então, até para isso nós fizemos na escola a utilização do Currículo em Ação. Então, os professores estão seguindo Currículo em Ação e o livro didático. Então, o aluno na casa dele já tem o currículo em ação e o livro didático. **Se ele não tem o acesso à internet, toda semana ou o pai ou a mãe sempre mandam mensagem para o coordenador ou para os professores para perguntar as lições e assim que nós estamos nos virando com os nossos alunos** (Amanda).

O participante reconhece que mesmo em áreas periféricas alguns alunos conseguiram contornar a falta de acesso à tecnologia compartilhando dispositivos entre si. No entanto, ele destaca a necessidade de melhorar a infraestrutura das escolas para apoiar esses alunos, especialmente aqueles que lutam para se adaptar ao novo modelo de ensino. Sua análise ressalta a importância de abordar as disparidades socioeconômicas na educação e de fornecer suporte adequado às comunidades mais vulneráveis.

O projeto "Currículo em Ação", citado pela participante foi uma iniciativa implementada pelo estado de São Paulo durante a pandemia, com o objetivo de oferecer suporte aos professores e garantir a continuidade do ensino de qualidade

durante o período de distanciamento social. O projeto foi desenvolvido como uma resposta às necessidades educacionais emergentes causadas pela pandemia de COVID-19, visando fornecer diretrizes claras e recursos pedagógicos para o ensino remoto.

Uma das principais características do projeto foi a disponibilização de um conjunto de materiais curriculares alinhados com as competências e habilidades previstas nos currículos escolares, na tentativa de facilitar o planejamento e a execução das aulas pelos professores. Além disso, o "Currículo em Ação" tentou promover a integração de diferentes tecnologias e ferramentas digitais no processo de ensino-aprendizagem, visando garantir a acessibilidade e a inclusão de todos os estudantes, mesmo em um contexto de ensino remoto.

A fala seguinte expõe de forma contundente as profundas disparidades socioeconômicas enfrentadas por muitos alunos, especialmente aqueles em áreas periféricas. Ele destaca a falta de recursos básicos, como acesso à tecnologia e até mesmo alimentação adequada, que afetam significativamente o aprendizado:

Sim. Vamos lá. O maior desafio dos professores... Aí eu vou longe, tá? Existe uma outra realidade. **Existe uma realidade onde o aluno não tem o que comer, ele também não vai ter para tecnologia. Onde eu ministro aula tem alunos que quando lá foi dividido por série, eles ficaram desesperados porque eles... Teve um que chegou a falar, "Vem cá e eu vou comer quando agora?"**. Chegou a falar isso. Então, a gente tem que... São duas realidades totalmente diferentes. **Eu tenho numa escola em que os alunos não têm tecnologia, vão para a escola para usar tecnologia e têm seis computadores funcionando, de 40. Sabe? A realidade é muito bonita no papel, mas para 80% das escolas não é bem assim.** Se você pega a periferia onde eu dou aulas, Caieiras, Franco da Rocha, Francisco Morato, é uma outra realidade. **Tem alunos lá que no frio levam tênis dia sim e um dia não porque o dia não é o dia do irmão usar o tênis. Eles não vão ter como ter tecnologia, sabe? Não vão ter e o estado não vai dar celular, tablet para eles de graça.** Não vai. Esquece isso. Apaga isso. Eu acho que a primeira coisa que nós temos que fazer, **o grande problema do professor hoje é como ele vai se adaptar a uma realidade que não é ela, principalmente em escolas de periferia, onde eu costumo dar aula.** Como é que ele vai fazer para se adaptar e falar, **"Olha, você tem que ir lá para a escola para fazer as atividades do CMSP nos computadores da escola". Aí chegam dez alunos, quatro ficam de pé olhando um para a cara do outro, porque só tem seis computadores funcionando.** Sabe? Como é que você vai fazer para fazer, **"Olha, vocês têm que fazer AP"**? Ah tá, vamos. Eles têm que fazer AP? Têm. Aonde? Sabe? A gente tem que... Eu acho que está na hora... **O professor tem que... Acho que o maior problema dele é enfrentar essa realidade.** Ele tem que ganhar pelo menos uns R\$ 500 a mais para pagar um psicólogo porque é uma loucura isso. **Como é que eu vou trabalhar isso com o meu aluno. Um chega lá com Galaxy A20 e outro chega lá de chinelo no frio. Como é que eu vou me adaptar a essa nova realidade?** E, assim, eu acredito que isso veio para ficar. Isso veio para ficar, tá? Isso é uma coisa que não vai acabar amanhã.

Você vai continuar tendo aula remota e tendo aula presencial, **mas [como que eu consigo] adaptar a isso?** Nós já sabemos que o aluno em aula remota não... Ou pelo menos 70% não presta atenção, não assiste à aula. Vamos... Sabe? Eles ou ficam ali com o celular em duas telas, uma vê aula e a outra ele joga... A gente sabe que isso existe. Eles fazem isso em sala de aula. **Então, eu acho que o maior desafio do professor é começar a se adaptar a essa realidade. Para se adaptar a essa realidade, ele tem que conhecer o mínimo de tecnologia. O mínimo.** E o meu maior desafio, o meu, tá? E aí eu falo que é uma coisa muito pessoal minha, é aceitar que isso um dia vai dar certo. Para aceitar que isso um dia vai dar certo é uma coisa que eu **acreditar que aquele aluno que não tem o que comer, no ano que vem ele vai ter tecnologia na mão. E infelizmente, eu sei que isso não vai acontecer.** A realidade é outra. Não existe Nármiã. Nármiã é um filme. Aquela terra não existe. Se vocês um dia puderem, visitem uma escola na periferia de Franco da Rocha. Aí vocês vão ver a realidade do que acontece numa sala de aula. Seria só isso (Alex).

O participante expõe de maneira contundente os desafios enfrentados pelos professores da periferia de São Paulo durante a pandemia, destacando a realidade dura e desigual vivenciada por muitos estudantes e educadores. Aqui é ressaltado a existência de duas realidades distintas: a daqueles alunos que possuem acesso à tecnologia e recursos adequados e a daqueles que enfrentam dificuldades básicas, como a falta de alimentação e de dispositivos eletrônicos. Ele enfatiza a disparidade na distribuição de recursos entre as escolas, evidenciando que, para muitas delas, a realidade não corresponde às diretrizes estabelecidas no papel. O discurso destaca ainda a necessidade premente de os professores se adaptarem a essa realidade desafiadora, lidando com a escassez de recursos e a diversidade de condições dos alunos. Verifica-se a importância da valorização financeira dos professores, reconhecendo o impacto psicológico e emocional que o enfrentamento dessa realidade pode gerar. Conclui enfatizando que essa nova realidade veio para ficar, indicando a permanência dos desafios mesmo após o término da pandemia, e exorta os ouvintes a testemunharem pessoalmente a realidade das escolas periféricas para compreenderem a extensão dos problemas enfrentados pelos educadores e alunos.

A fala adiante aborda a variação na qualidade da infraestrutura escolar, reforçando a constatação de que escolas em áreas centrais tendem a ter mais recursos do que aquelas em áreas periféricas. Destaca-se a falta de suporte adequado aos professores, especialmente em relação à formação e às condições de trabalho. Ressalta a importância de considerar as diferentes realidades das escolas ao implementar políticas educacionais e de garantir que todos os professores tenham acesso a recursos e apoio necessários.

Oi. Então, quando nós falamos de recursos materiais, depende muito da escola onde você está, não é? Se a escola é centralizada ou ela é de periferia. **Eu já trabalhei em escola de periferia que eu tinha que levar o giz, que eu tinha que levar o papel higiênico, que em dia de calor eu suava às bicas porque não tinha um ventilador e sala com 40 alunos. [...] Então, assim, você quer escrever na lousa branca? Eles colocaram uma lousa branca, mas você tem que comprar a tinta para a caneta porque não tem tinta para caneta. Ah, não tem o sulfite. Então, assim, vai muito da realidade da escola, principalmente nessa parte de tecnologia. [...] Pior ainda a questão dos que são professores que não são Categoria O, são aqueles professores que vão na escola dar uma aula ou outra quando um professor falta, que ficaram totalmente sem aula, sem respaldo, sem subsídio, sem nada. Agora, nessa época de pandemia porque não tinha escola para eles lecionarem. Então, assim, o Categoria O que ainda tinha aula, ainda estava bem, mas e esses outros professores? Então, assim, tanto essa parte material como imaterial é bem complicada porque não é uma realidade para todos. Não é uma coisa que todos têm acesso e cobra-se muito. Cobra-se muito. Ah, queremos aula híbrida. Não tem um pedestal para pôr um celular. Falaram que iam mandar um mundo de coisa. Tá chegando ainda. Daqui a pouco acaba a pandemia. Já tem um ano e meio de pandemia e não tem. Então, assim, é complicado. Na realidade, o professor é a pessoa que se reinventa diariamente. É o ser mais adaptado que eu conheço porque eu nunca vi uma pessoa ter que se adaptar tanto às adversidades que vêm porque o aluno não tem culpa. O aluno não tem culpa e a gente tem que prestar um apoio para ele e de que forma? Então, fica complicado. Não é fácil mesmo não (Mauro).**

Esse depoimento traz à tona uma reflexão sobre a disparidade de recursos materiais e a complexidade das demandas enfrentadas pelos professores, especialmente nas escolas periféricas de São Paulo. Destaca-se a falta de infraestrutura básica, como a ausência de materiais simples como giz e papel higiênico, contrastando com a suposta superioridade das escolas mais centralizadas ou as designadas como PEI (Programa Ensino Integral).

Uma das principais metas do PEI é contribuir para a redução das desigualdades educacionais ao proporcionar oportunidades de aprendizagem mais amplas e diversificadas. Ao oferecer uma jornada escolar estendida, o programa busca suprir carências educacionais e sociais, proporcionando aos alunos um ambiente propício para o desenvolvimento integral de suas habilidades e potencialidades. O PEI foi criado na intenção de melhorar a infraestrutura escolar, proporcionando condições adequadas para o ensino e aprendizagem, incluindo investimentos em equipamentos, materiais didáticos e recursos tecnológicos. Essa melhoria na infraestrutura, quando efetiva, pode contribuir para reduzir as disparidades entre as escolas, especialmente aquelas localizadas em regiões mais vulneráveis. No entanto, é importante reconhecer que o PEI não resolve todas as

questões relacionadas às desigualdades educacionais. Embora represente um avanço significativo, o programa enfrenta desafios como a necessidade de garantir uma implementação efetiva e sustentável em todas as escolas participantes, bem como o acompanhamento e avaliação contínuos de seus impactos.

Evidencia-se na fala a dificuldade em compreender a alocação de recursos e a consequente falta de uniformidade na provisão de materiais essenciais, bem como na implementação de tecnologias educacionais. Além disso, é mencionado as dificuldades enfrentadas pelos professores em relação à formação continuada e à falta de reconhecimento de sua dedicação, ilustrando com exemplos pessoais a rigidez das condições de trabalho. Ao abordar a ausência de apoio adequado para os professores, a participante comprova a complexidade das questões enfrentadas na educação, destacando a necessidade urgente de medidas que promovam a equidade e valorizem o papel fundamental dos educadores.

Superar a falta de infraestrutura da Rede

Na discussão sobre os desafios enfrentados pela educação durante a pandemia, a fala a seguir desse professor coordenador, emerge como um ponto crucial de reflexão sobre a importância da formação continuada dos professores e sua relação com a adaptação aos desafios da falta de infraestrutura das escolas. Ao compartilhar sua experiência pessoal, destaca a necessidade de uma abordagem individualizada na formação de professores, reconhecendo a diversidade de conhecimentos e habilidades presentes no corpo docente. Além disso, aponta desafios específicos enfrentados por sua diretoria de ensino, relacionados à localização geográfica e à disponibilidade limitada de professores dispostos a trabalhar na região:

A formação que nós [...] recebemos. Para mim, como PC, porque eu, por exemplo, quando iniciei na coordenação, tive uma grande falha. Eu achava que todo professor que chegava na escola tinha o mesmo conhecimento que eu tinha de educação. Então, eu já ia... Eu nivelava aqui em cima. E a gente recebe hoje professores que estão aqui embaixo. Muito baixo e aí essa formação de formiguinha. **Como eu moro numa cidade distante do Aldo, 60km, o número de professores que querem se dispor a vir dar aula aqui é menor. Então, isso para nós é um problema, por quê? Porque aí sobram aqueles que, de repente, não têm opção e aí o professor, entendeu? Apesar que a gente tem um quadro bem permanente** (Giles).

Desigualdade na infraestrutura das escolas

A fala desta participante a seguir, destaca a importância da formação continuada dos professores e sua relação com a adaptabilidade aos desafios da educação. Ela aponta um desafio adicional enfrentado, relacionado à localização geográfica distante e à menor disponibilidade de professores dispostos a trabalhar na região. Essa realidade implica em um menor pool de candidatos para as vagas disponíveis, o que pode resultar na contratação de profissionais com menos opções de escolha. Isso, por sua vez, pode impactar a qualidade da equipe docente, exigindo um esforço adicional por parte dos gestores para fornecer suporte e capacitação adequados. Isso ressalta a importância de reconhecer as diferentes habilidades e necessidades dos professores e a necessidade de uma abordagem individualizada de formação e suporte profissional. Além disso, destaca a influência de fatores externos, como localização geográfica, na composição da equipe docente e nos desafios enfrentados pelas escolas. Nesse contexto, a formação continuada dos professores emerge como uma ferramenta essencial para promover a adaptação e a superação das dificuldades, contribuindo para uma educação de qualidade e mais equitativa.

Então, quanto a essa preparação da escola, nem antes a escola ela nunca esteve preparada para o desafio da gente ensinar. Eu sempre falo, a minha escola, **o Geraldo falou que recebeu, a escola dele recebeu, a minha não veio nada**, foi tudo aí, por isso que foi bastante. **A gente não tem nada, ainda**, de diferente, assim. Só teve uma preocupação com comprar álcool em gel, máscara e essas coisas. **Mas assim, nada de TV, nada de nada, por enquanto.** E eu sempre reclamava que não tem um tablado, no mínimo, não é? Para a gente apresentar um teatro. Você organiza um negócio com os alunos, não tem onde apresentar. A minha escola você entra ela é um pavilhão de salas, têm 14 salas de aula nos períodos, e assim, você entra parece um pavilhão, **parece uma penitenciária, isso não é um ambiente adequado**, não é? Para uma escola. Eu acho assim, a preocupação de um ambiente confortável com a cara do jovem. **Eu acho assim, a escola tem que ser colorida, tem que ser alegre, não é? Não é isso que a gente vê. A TV que tem na minha escola foi eu que dei**, para você ter uma ideia. Eu tinha comprado uma outra, falei, “Não, se for para dar para uma família só eu dou lá, porque a gente precisa”. E ela anda para lá e para cá de carrinho. Então tem que agendar, é totalmente complicado. **Então a gente já não estava preparado para o desafio anterior, agora então, pior. Os computadores nossos a gente tinha recebido há muito tempo atrás e está tudo estragado, têm uns dois lá**

funcionando só, não tem como para quarenta alunos para dois computadores, não é? Nem que queira. Então eu acho que esse investimento, realmente concordo com o Geraldo, tem que ser no profissional, mas tem que ser também na estrutura da escola, não é? A escola precisa também, tem que ter laboratório, não é? Não é PEI que existe, não é? Então lá faz laboratório e as outras? Os alunos são os mesmos [...] (Amanda).

Nas falas seguintes, podemos identificar a carência de recursos materiais, mas também a falta de ativos imateriais ou "simbólicos" que afetam a capacidade dos indivíduos de lidar com situações de vulnerabilidade. O participante destaca a diferença de realidades entre escolas, mencionando o Programa Ensino Integral (PEI) como exemplo de uma escola que recebeu investimentos em tecnologia, contrastando com outras instituições que enfrentam carências materiais e imateriais. Enquanto a outra participante aponta para a disparidade na distribuição de recursos entre diferentes escolas, destacando que algumas instituições recebem muitos recursos, como computadores, enquanto outras enfrentam escassez.

Olá gente, desculpa. Eu já falei. Esse negocinho é meio complicado para mim. Bom, enfim, eu me solidarizo com a professora aí que fez o desabafo dela, professora Indira. Professora, acho que todos os professores, eu estava comentando com a Marlene que passei por isso também quando eu era novo de diretoria, isso há uns 30 anos atrás mais ou menos, quando era novo de escola, novo de diretoria, tipo assim, você é tipo esnobado. Então, os professores efetivos se sentam numa mesinha, os professores Categoria O sentam em outra e tal. Então, fica aquela panelinha. Fica um ambiente esquisito porque todo mundo ali está para a educação assim como o mar está para água, não é? Está todo mundo na mesma situação. Assim, em termos de... O que a Marlene falou é bem pertinente. **São realidades diferentes em escolas diferentes. No caso do PEI lá do Ayres de Moura, que é desde 2013 teve um aporte tecnológico, um aporte de mídias muito bom.** Muito bom mesmo. Isso em 2013. Então, **foi disponibilizado notebooks para as áreas. Não todos os notebooks para áreas, mas, assim, o suficiente para cada professor em horário de estudo ou eventualmente utilizar. Lousa digital etc.** Mas é como a professora Marlene disse, é uma realidade de uma escola diferenciada. Eu não sei se é por causa da região onde ela fica, do bairro onde ela se situa etc. Mas eu falei em um determinado momento que você quando você está dentro de uma escola muito tempo, principalmente num PEI, você fica tanto tempo na escola e você acaba saindo exaurido da escola no final do expediente e você vai para a sua casa. Você não fica imaginando como seria a escola do companheiro, a escola do colega. Então, você vive aquele universo achando que tudo é daquele jeito. E aí eu vejo o professor Paulo falando, a Indira falando e a realidade é bem essa mesma. **Existe uma dificuldade material e a dificuldade imaterial eu acho que tem que várias, diversas. Plano de carreira, valorização profissional, apoio do governo e da sociedade em si. Nossa profissão virou uma profissão meio que marginalizada, sabe? Antigamente era uma profissão muito respeitada. Agora é uma**

profissão que se você falar que é professor, o pessoal ri da sua cara. Como é que consegue sobreviver. E complicado. Fica uma situação complicada, não é? Nessa pandemia, lógico, tudo ficou exponencial. Tudo ficou... Todos os problemas, sejam os psicológicos aumentaram, sejam os financeiros aumentaram, sejam os tecnológicos aumentaram, tudo ficou muito... Do dia para a noite assim as coisas saíram do controle da sociedade, do governo, do professor, do aluno saíram... Ficou um caos, ficou uma balbúrdia. Até organizar, seu cérebro se organizar, seus hábitos se organizarem, sua metodologia se organizar vai tempo. Então, assim, imaterial, acho que você até... Você falou Gabriela sobre carreira, salário etc. imaterial é tudo isso aí, tá? Pode somar tudo isso aí que vai. **Material depende da realidade de cada escola. Tem escolas que são muito bem-preparadas, mas a grande maioria, esmagadora maioria, principalmente aquelas das periferias, a gente sabe que é muito carente.** Indira, me solidarizo com você. Eu até falei com a Marlene. Eu sou um professor anfitrião da escola. Então, qualquer professor novo que entra na escola, eu já me apresento. Vamos fazer amizade. Vamos conhecer a escola. Vamos lá. Vamos lá. Vou fazer. E porque eu passei por isso também. Até consegui "o respeito" dos colegas, demorou muitos anos. Demorou muitos anos e tiveram que me engolir, viu Indira. Parabéns, você é uma batalhadora e você vai vencer. Eles não vão te tirar não. Manda ver, é isso mesmo (Mauro).

A falta de apoio do governo e da sociedade, a desvalorização da profissão docente e a dificuldade de acesso a recursos materiais e imateriais são aspectos que o participante destaca em sua fala. Ele ressalta a importância do apoio mútuo entre os professores e a necessidade de se adaptar a realidades desafiadoras dentro do ambiente escolar. Além disso, aborda a questão da adaptação durante a pandemia, destacando como os problemas se tornaram mais evidentes e exacerbados nesse período. Ele menciona as dificuldades financeiras, tecnológicas e psicológicas enfrentadas pelos professores e alunos, enfatizando a necessidade de tempo para se adaptar a essas mudanças repentinas.

Falando assim, a respeito de políticas públicas, não é? A Ana estava falando **da situação da escola dela que tem todos os recursos. Eu acho que está sendo mal distribuído. Eu sou aqui do interior de São Paulo, a cidade de Birigui. A escola que eu leciono recebeu muitos computadores, sabe? A gente está tendo acesso a muita coisa, muito material que está chegando. Eu estou indo uma vez na escola, presencial, para auxiliar os alunos que estão atrasados, eles estão indo na escola. E está tendo, eu acho que está tendo uma distribuição errada, porque algumas escolas estão faltando, outras estão tendo demais. Porque está chegando... lá onde eu estou, mesmo, têm muitos computadores, chegou bastante computador.** Está dando interferência aqui no meu áudio, vocês estão conseguindo me ouvir? (Vera).

Essa discrepância na distribuição de recursos pode refletir as desigualdades socioeconômicas existentes entre as comunidades atendidas pelas escolas. Escolas localizadas em áreas mais privilegiadas podem receber mais investimentos, enquanto aquelas em regiões menos favorecidas podem enfrentar carências de recursos essenciais para o ensino. Essa falta de equidade na distribuição de recursos pode agravar as desigualdades educacionais, pois as escolas que recebem menos recursos podem ter dificuldade em oferecer uma educação de qualidade, afetando o aprendizado dos alunos e perpetuando ciclos de desvantagem.

A BNCC e a busca pela igualdade

As falas apresentadas fornecem uma análise profunda sobre o papel da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na busca pela igualdade na educação, bem como destacam desafios significativos enfrentados no contexto brasileiro.

Destaca a importância da igualdade na educação e aponta para a necessidade de distribuição equitativa de recursos entre as escolas. Argumenta que a BNCC, embora seja uma iniciativa positiva, enfrenta desafios na implementação devido à desigualdade na distribuição de recursos e na capacitação dos profissionais. Ressalta que a pandemia evidenciou ainda mais essas disparidades, destacando a importância de fornecer suporte adequado para que todas as escolas possam cumprir suas responsabilidades educacionais de forma eficaz.

A segunda fala destaca a responsabilidade da escola em lidar com questões sociais e critica a ideia de que a educação sozinha pode resolver problemas de desigualdade social. Ele argumenta que a BNCC, ao transferir para a educação a responsabilidade de gerar igualdade, pode desconsiderar outras causas de desigualdade social. O participante destaca a importância de entender até que ponto a educação pode influenciar a igualdade e como os professores podem agir para evitar a ampliação das desigualdades durante a pandemia.

Bom, duas coisas que o Wilson falou, a questão da desigualdade, não é? A questão de que o estado deixou para a escola isso. **A escola hoje, voltando um pouco lá atrás, ela também tem o papel de tentar fazer com que todos sejam iguais, não é?** Desde o conhecimento, desde como eles vão crescer, de que eles são, olhando assim na parte mais espiritual, são todos filhos de Deus, não é? E **quando a gente fala em desigualdade, seja ela financeira, seja ela educacional, nós vamos**

pegar financeira primeiro para daí chegar na educacional. [...] A Secretaria de Educação, ela está tentando deixar todas as escolas, todos os coordenadores, todos os diretores iguais, não é? Mas, ele não está vendo que tem a desigualdade de cada escola, ele não está vendo que cada escola precisa ter o seu pacote de dinheiro, dinheiro aqui eu coloco entre aspas, não é? O seu pacote de conhecimento, o seu pacote de crescimento enquanto profissional, para chegar lá na frente e devolver mais para a educação. Como disse o Wilson, a BNCC vem lá atrás para o ensino médio e fundamental, para ensino médio, na realidade, foi um boom, todo mundo se reúne, o quê que nós vamos melhorar. Mas quem olhar mesmo os bastidores, estava pronto, era carta marcada, está aqui, olha, Às, dois de paus, três, quatro, cinco, truco, não é? Mate o zap então. Quem que matou o zap? Os professores reunidos, tudo bonito, lindo, maravilhoso, não é? E aí depois vem do Ciclo I, pior ainda. Tipo assim, olha, como todo respeito, eu vomitei em você a BNCC do Ciclo I. E aí? Agora estão fazendo a mesma coisa, colocando, colocando, colocando, colocando. **Então há uma desigualdade entre nós, não é? Há uma desigualdade no quê? No conhecimento, uma desigualdade do crescimento profissional, uma desigualdade em tudo. O professor, lá na ponta, tentando se reinventar. Nós, enquanto gestores, eu pior ainda (Elias).**

Levantei. Eu vou ter um cuidado com as palavras aqui para que me compreendam. Bom, quando eu falo que eu enquanto gestor sou um filtro, é filtro de tudo, sabe? **Então a gente recebeu aí uma BNCC que fala assim, qual é a justificativa de uma nova BNCC? Justificativa falar assim, “Olha, a gente vive numa sociedade desigual”, não é? E aí transferiram para a educação a responsabilidade de gerar igualdade, sabe? Então como se o processo de desigualdade acabasse a partir da educação. E aí os próprios políticos lavaram as mãos, fecham os olhos para os programas sociais sobre a desigualdade causada por outros caminhos, não é? Que não só... não que não exista desigualdade escolar, existe sim, mas não é ela que vai trazer a solução dos problemas para a desigualdade social. Então eu preciso ter isso claro para ver até onde o professor pode ir, até onde é responsabilidade do professor, até onde ele tem autonomia ou até onde ele está simplesmente reproduzindo conhecimento, onde dizem que vai acabar com a desigualdade.** Esse é um ponto, tá? Frente à pandemia, porque a BNCC está aí um pouco antes da pandemia, está durante a pandemia e vai ficar por mais um bom tempo. Mas qual é o nosso trabalho na escola durante a pandemia? Os professores, no ano passado, não tiveram alunos presenciais aqui no nosso município, então eram só essas aulas virtuais. E os professores falaram, “Olha, Wilson.”, na empolgação mesmo, não é? Falaram assim: “Eu quero ajudar o aluno, eles perderam o vínculo da escola muito rápido, assim, muita orientação, mesmo porque a gente não sabia o que estava acontecendo”. E aí os professores queriam fazer videoaulas, não é? Como acontece já principalmente nas escolas particulares. **E aí eu pedi para que elas fossem com calma, porque talvez essa aula virtual não iria atender a todos. E possivelmente estaria aumentando a desigualdade escolar. Porque se nem todos os alunos têm acesso às ferramentas tecnológicas para ter uma videoaula, você está dando aula para quem? Você vai escolher aqueles que já são beneficiados, que já têm uma estrutura econômica que o facilite para ter acesso ao conhecimento. E aí cada vez mais a gente vai deixando aqueles alunos que não têm essas condições distante da aprendizagem**

escolar. E aí, sim, a escola ao invés de diminuir a desigualdade escolar, que aí você viu que eu não estou falando de desigualdade social, ao invés de diminuir a desigualdade escolar, estaria alimentando e aumentando cada vez mais. E esse não é um papel da escola que é de aumentar. Então teve todo esse olhar, por isso que quando eu falava, a gente falava menos é mais, falava é o menos que vai atender a todos, sabe? E não um mais com capricho, que é bonito, é legal mesmo de se ver, uma videoaula com as crianças ali online, aquela interação. Mas, **não é a nossa realidade. Então a realidade da nossa escola e da comunidade que a gente atende hoje é a gente entender que nem todos têm acesso a essas ferramentas tecnológicas e aqui a escola decidiu não aprofundar essa desigualdade escolar.** E muito pelo contrário, não é? Fazer, claro, vem defasagens, quando você oferece o mínimo a gente está ciente das possíveis consequências. Mas, é a gente entender qual é o papel da escola nesse momento, então é mais nesse sentido (Wagner).

A última fala enfatiza o papel fundamental da escola na promoção da igualdade social e destaca a importância de tornar os conteúdos educacionais significativos e relevantes para a vida dos alunos. Ela ressalta a necessidade de atrair talentos para a carreira docente e destaca a importância da educação como meio de transformação social.

Então tá bom. Fazer algumas colocações em cima do que meus colegas falaram. **Evidentemente a escola tem um papel social fundamental principalmente na nossa realidade social. Então a gente sabe que para mudar a condição social não tem outra maneira a não ser através da escola, tá? A gente fala isso, mas a pandemia evidenciou isso de pessoas que vão na escola para se alimentar.** Eu essa semana fui segunda-feira lá a convite do secretário lá no Palácio dos Bandeirantes para ver aquele evento chamado Dignidade Íntima e aí eu fiquei muito chocada porque normalmente a gente sabe que os nossos diretores já compram absorvente para as nossas alunas. Isso é uma prática. Às vezes, eles compram do próprio dinheiro, do próprio bolso deles. Agora, o governo vem distribuindo esse produto higiênico, o absorvente, para que as meninas possam usar. E aí você fica chocada em ver dados **onde as meninas faltam pelo menos três dias por mês a cada 28 dias porque ela não tem um absorvente para ir para a escola.** Aí eu fiquei muito chocada, desculpa, mas eu nunca havia pensado nisso. **Meninas que usam miolo de pão e jornal no lugar do absorvente.** Desculpa, isso choca. **A escola tem papel fundamental social ainda na nossa realidade. A gente tem esse papel. [...] A educação nesse país tem um forte apelo social. A gente precisa mudar esse país e eu não vejo outra maneira a não ser pela educação e eu falo isso pela minha própria história de vida.** Meu pai é uma pessoa muito pobre e conseguiu ter uma condição de vida muito boa porque conseguiu fazer quatro cursos superiores. Na época não se fazia pós-graduação nem mestrado, mas ele mudou a história de vida dele através da educação. Eu tenho muito orgulho de dizer isso. **E se eu trabalho com educação hoje, é porque eu entendo que é esse o caminho para a gente melhorar a condição social do indivíduo e melhorar a condição do país como um todo. Se eu não acreditasse nisso, eu não estaria aqui (Rute).**

Considerações finais

Diante das análises das falas dos professores, podemos concluir que o período pandêmico representou um desafio significativo para a comunidade educacional, evidenciando diversas disparidades e desigualdades existentes no sistema educacional brasileiro. Enquanto alguns professores e alunos conseguiram se adaptar às novas demandas do ensino remoto, enfrentando limitações de infraestrutura com resiliência e buscando oportunidades de aprendizado, outros enfrentaram dificuldades mais profundas, especialmente nas escolas localizadas em áreas periféricas.

A falta de distribuição equitativa de recursos materiais e tecnológicos, aliada à escassez de suporte adequado aos professores, ressalta a necessidade urgente de políticas públicas que promovam uma educação mais inclusiva e equitativa. A má distribuição de recursos para escolas periféricas, evidenciada pelas falas dos participantes, destaca a urgência de medidas que garantam o acesso igualitário a uma educação de qualidade, independentemente da localização geográfica.

O projeto "Currículo em Ação", implementado pelo estado de São Paulo durante a pandemia, foi uma iniciativa positiva que visou oferecer suporte aos professores e garantir a continuidade do ensino de qualidade durante o período de distanciamento social. No entanto, é fundamental reconhecer que iniciativas como essa não resolvem todas as questões relacionadas às desigualdades educacionais, sendo necessárias ações mais abrangentes e sustentáveis para promover uma verdadeira igualdade de oportunidades na educação.

A valorização dos professores, o investimento em infraestrutura escolar e a implementação de políticas que reduzam as disparidades socioeconômicas são aspectos essenciais a serem considerados na busca por uma educação mais equitativa e inclusiva. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) surge como uma ferramenta importante nesse contexto, ao estabelecer diretrizes que visam garantir uma educação de qualidade para todos os estudantes, independentemente de sua origem ou condição socioeconômica.

Em suma, as falas dos professores destacam a necessidade de enfrentar as profundas desigualdades existentes no sistema educacional brasileiro, buscando promover uma educação mais inclusiva, equitativa e de qualidade para todos. Isso requer o comprometimento de diferentes atores da sociedade, incluindo governos, instituições educacionais, professores, alunos e comunidades, para garantir que nenhum aluno seja deixado para trás.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *Escola e violência*. Brasília: UNESCO, 2002.

ALVES, M. T. G.; SOARES, J. F.; XAVIER, F. P. Desigualdades educacionais no ensino fundamental de 2005 a 2013: hiato entre grupos sociais. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 4, n. 7, p. 49–82, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5896081>. Acesso em 20 out. 2024.

ARGOLO JUNIOR, C.; JÚNIOR, R. S.; COELHO, L. L. N.; LIRA, J. S. Ambiente Virtual De Aprendizagem: Importância Das Habilidades Tecnológicas Em Tempos De Pandemia Da Covid-19 / Virtual Learning Environment: Importance of Technological Skills in Times of Pandemic Covid-19. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 16849–16859, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n2-351. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/24880>. Acesso em: 2 nov 2024.

BRASIL é nono país mais desigual do mundo, diz IBGE. *Agência O Globo*, 12 nov. 2020. Disponível em: <https://exame.com/economia/brasil-e-nono-pais-mais-desigual-do-mundo-diz-ibge/>. Acesso em: 2 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Economia. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). *O efeito da COVID-19 sobre os indicadores de pobreza brasileiros e as políticas de mitigação*: uma discussão inicial. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11228/1/n_07_O_Efeito_da_Covid_19.pdf. Acesso em: 02 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Economia. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). *Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia*. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10228/1/NT_88_Disoc_AcesDomInterEnsinoRemoPandemia.pdf. Acesso em: 02 maio 2024.

CARNAVAL, Marilya Mariany. A desigualdade da infraestrutura escolar das escolas estaduais no município de São Paulo. *J. Pol. Educ-s*, Curitiba, v. 15, e79216, 2021. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-19692021000100130&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 maio 2024.

Dantas, Fabiane Viana. A COVID-19 e os desafios educacionais. *Revista Latino-Americana de Estudos Científicos*. V. 05, N.25 Jan./Jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/44455>. Acesso em: 03 maio 2024.

GALVÃO, WILLANA N. M. et al. Vulnerabilidades sociais e educacionais associadas ao efeito território em escolas do Ceará. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, Goiânia, v. 38, n. 1, e121446, 2022. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2447-41932022000100105&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 02 maio 2024.

GUIZZO, B. S.; KRZIMINSKI, C. O.; OLIVEIRA, D. L. O software QSR Nvivo 2.0 na análise qualitativa de dados: ferramenta para a pesquisa em ciências humanas e da saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 24(1), 53-60, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/23510>. Acesso em: 29 mar 2024.

GUSMÃO, F. A. F.; AMORIM, S. S. Dimensão da desigualdade educacional no ensino médio: uma reflexão com base no princípio de qualidade e equidade. *Revista Exitus*, Santarém/PA, Vol. 12, p. 01 -25, e022052, 2022. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/1942/1220>. Acesso em: 3 maio 2024.

KAZTMAN, Rubén. *Vulnerabilidad y exclusión social: una propuesta metodológica para el estudio de las condiciones de vida de los hogares*. Chile: CEPAL, 2005.

KAZTMAN, Rubén. *Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos*. Revista de la Cepal, Santiago de Chile, n. 75, p. 171-189, 2001.

KAZTMAN, Rubén et al. *Vulnerabilidad, activos y exclusión social en Argentina y Uruguay: equipo técnico multidisciplinario para Argentina, Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay*. Santiago de Chile: ILO (International Labour Office), 1999.

KAZTMAN, Rubén. Reflexiones en torno a las metástasis de las desigualdades en las estructuras educativas latino-americanas. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 20, n. 43, pp. 823-839, set/dez 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2018-4309>. Acesso em: 03 maio 2024.

MORENO, Jaime Aguilar. Situación de vulnerabilidad en lo educativo de la población escolar de la comuna 5 en la zona norte de Guadalajara de Buga. *Historia y espacio*, v. 11, n. 44, p. 169-197, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.25100/hye.v11i44.1203>. Acesso em: 04 maio 2024.

PENTEADO, Adriane de Lima, BONETI, Lindomar Wessler. *As desigualdades sociais refletidas nas políticas de formação de professores no projeto de lei do plano nacional de educação 2011-2020*, XI Congresso nacional de educação, Curitiba, 2013, acesso em 12 de abril de 2020

POCHMANN, Marcio; SILVA, Luciana Caetano da. Concentração espacial da produção e desigualdades sociais. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 22, e202004, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202004>. Acesso em: 02 maio 2024.

RIBEIRO, Vanda Mendes; VÓVIO, Cláudia Lemos. Desigualdade escolar e vulnerabilidade social no território. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2, p. 71-87, set. 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/pdCgb87YnG6cj8RQpMjXHkm/#>. Acesso em: 4 maio 2024.

SALINAS-RODRÍGUEZ, A. et al. Intrinsic capacity trajectories and socioeconomic inequalities in health: the contributions of wealth, education, gender, and ethnicity. *Int J Equity Health* 23, 48 (2024). Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12939-024-02136-0>. Acesso em: 3 maio 2024.

SILVA, Alan Elias. Apontamentos sobre o desenvolvimento regional. In: *Anais de trabalhos completos do V Seminário Internacional de Pesquisa em Políticas Públicas e Desenvolvimento Social: sociedade e democracia em tempos de pandemia de Covid-19* / Tatiana Noronha de Souza, Clauciana Schmidt Bueno de Moraes, Alexandre Marques Mendes (organizadores). – Franca: UNESP, 2023.

TORRES, H. G. et al. Educação na periferia de São Paulo: como pensar as desigualdades educacionais? In: *A cidade contra a escola? Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina*. RIBEIRO, L. C. Q. & KAZTMAN, Ruben. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2008.